

Eles ainda estão aqui

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Escrevo em 21 de novembro de 2024. Ontem, aproveitando o feriado do dia da consciência negra que, pela primeira vez, teve caráter nacional, fui ao cinema. O filme a que assisti foi: *Eu ainda estou aqui* de Walter Sales com o protagonismo de Fernanda Torres e Selton Melo. Acredito que todos já saibam que o filme versa sobre mais um **CRIME DO ESTADO CONTRA O POVO**, o desaparecimento de Rubens Paiva, sequestrado, torturado e morto pelo regime militar do golpe de 1964. O filme é uma obra prima e, para além das grandes atuações de todos os atores e atrizes, tem na direção e roteiro suas principais qualidades. A riqueza dos detalhes de cenografia, figurino, locações etc. demonstram toda a competência e sensibilidade de Walter Sales. Mas a História, com agá maiúsculo, é sem dúvidas, a grande questão a ser discutida. Importante ressaltar que o filme trata de fatos verídicos e o roteiro do filme foi baseado em livro homônimo escrito por Marcelo Rubens Paiva, filho de Rubens, que viveu na própria pele aqueles fatos terríveis.

A primeira parte do filme se passa no ano de 1971, a repressão corria solta no Brasil, blitzes aleatórias subjugavam a população à procura de “terroristas”, palavra usada pela repressão para designar qualquer pessoa que discordasse da visão de mundo deles. A intensão era, claramente, demonstrar força. Na visão deles, todos eram terroristas, inclusive aqueles que, como Rubens Paiva, não aderiram à luta armada. Pessoas eram torturadas, homens, mulheres, e até crianças. Havia um sem número de presos políticos, vidas eram canceladas, a população vivia sob opressão. Recomendo fortemente a todos que assistam ao filme, mas este texto pretende ir além dos fatos que ele retrata. Quero falar sobre e de violência. A violência de retirar um homem de dentro de sua casa, do seio de sua família, torturá-lo e matá-lo sem qualquer prova de que ele tenha cometido algum crime. A violência de também sequestrar e, psicologicamente, torturar a esposa e uma de suas filhas adolescentes. A violência de vigiar ostensivamente uma família indefesa, mesmo após o desaparecimento da vítima, a violência verbal e gestual no trato com as vítimas, a violência de tentar apagar a existência de um ser humano, a violência de negar a verdade.

E foi nesse último item que **ELES** derraparam, logo eles que gritam aos quatro cantos que defendem a família, foram derrotados justamente por uma família. Uma família que, sem a ajuda de deus e atacados pelos representantes da pátria, resistiu e conseguiu escancarar a verdade.

Uma verdade que, como demonstra o filme, tardou a aparecer e é esse um ponto a ressaltar. Dois dias antes de eu escrever este texto, o Brasil acordou com mais uma operação bombástica da Polícia Federal, uma operação para prender um general da reserva, três outros militares de alta patente e um policial federal locado na segurança do atual presidente. Segundo o noticiário este grupo estaria envolvido numa trama para, entre o final das eleições e o dia da posse, assassinar o então presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, seu vice-presidente Geraldo Alckmin e o presidente do Tribunal Superior Eleitoral Alexandre de Moraes. Os supostos assassinatos tinham como objetivo final implantar o caos no país, ensejando, na visão deles, um motivo para que houvesse uma intervenção militar, como as faixas dos patrióticos da época pediam. É necessário então refletir sobre a participação militar, não somente nos eventos de novembro e dezembro de 2022, que resultaram na operação citada, como também nas ações retratadas pelo filme. Talvez seja legítimo que doses generosas de violência façam parte da personalidade de militares, afinal o objetivo da existência deles é a guerra, e não há guerra sem violência. Mas o que acontece quando essa violência se volta contra o povo que de acordo com nossa constituição, **ELES**, os militares, deveriam defender? Violência contra pessoas indefesas, violência gratuita, violência covarde. Na música “*As Caravanas*”, Chico Buarque diz: “*Filha do medo a raiva é mãe da covardia*”. Acho que isso explica muita coisa, no fundo, **ELES** têm medo de nós, **ELES** têm medo das mulheres que, como Eunice Paiva ousam resistir, **ELES** têm medo da verdade. E é por isso que precisamos, neste momento, escancarar todas as verdades, sejam as do passado que **ELES** tentam negar, sejam as do presente que gritam à nossa frente, e da qual precisamos falar, discutir, mostrar, gritar. Nos créditos exibidos ao final do filme são citados os nomes dos agentes da repressão responsáveis pela morte de Rubens Paiva juntamente com a informação de que **ELES** jamais foram punidos. Por essas e outras, temos o dever de exigir que haja justiça, que os indutores de violência, do passado e do presente, sejam punidos com o rigor da lei.

Afinal, gostemos ou não,

ELES AINDA ESTÃO AQUI.

■ ■ ■